

# Apresentação

Este número apresenta trabalhos desenvolvidos sob diversos enfoques teórico-metodológicos que dividimos em duas partes: a primeira voltada para as pesquisas sobre linguagem e educação e a segunda, sobre a linguagem e significação. Traz, ao final, uma seção de resenhas.

Iniciamos a primeira parte com o artigo de CARLA LYNN REICHMANN em que a autora analisa as projeções mentais e verbais (HALLIDAY, 1994) constituídas em narrativas de futuros professores, isto é, as representações relativas ao *dizer* e *pensar/sentir* inscritas nos textos dos participantes. Problematizando a formação inicial, focaliza histórias de vida e narrativas de formação (CONNELLY e CLANDININ, 1999; JOSSO, 2004; PASSEGGI e COSTA, 2008; BURTON et al., 2009) como prática de letramento (BARTON et al., 2000; KLEIMAN, 2007). Na sequência, JÚLIO ARAÚJO analisa o papel das propostas de atividades on-line nas disciplinas semipresenciais de línguas da UFC Virtual, tendo em vista as potencialidades de interatividade da web e os letramentos atualizados nesse contexto. A investigação resultou na categorização de quatro tipos de atividades on-line praticadas nas disciplinas *Língua Inglesa 2A: compreensão e produção oral* e *Leitura e Produção de Textos Acadêmicos*. ROSILMA DINIZ ARAUJO faz as propostas de trazer à luz imagens do livro didático de LE enquanto textos potencialmente impregnados de sentidos e de discutir a relevância de serem alçados à condição de visibilidade no contexto educacional. Para tanto, apoia-se nos teóricos da Gramática Visual, de Günther Kress e Theo van Leeuwen (2006), e conclui com uma breve abordagem ilustrativa como sugestão de ponto de partida para futuras aplicabilidades. PAULO VINÍCIUS ÁVILA-NÓBREGA E FLÁVIA SANTOS MARTINS, com base no modelo de sequências didáticas postulados por Schneuwly, Dolz e Noverraz (2007) e nos recursos de coesão discutidos por Antunes (2005), apresentam uma análise qualitativa dos recursos coesivos usados por professores cursistas do PARFOR, no interior do Amazonas, em processos de escrita e de reescrita. Os autores constatam que, mesmo no processo de reescrita, esses professores cometem

equivocos no que se refere ao domínio de coesão. JOYCE ELAINE DE ALMEIDA BARONAS apresenta uma proposta de ação direcionada a uma mudança de perspectiva em sala de aula, buscando inserir aspectos teóricos relacionados à variação linguística no trabalho docente com o propósito de aprimorar sua prática, mais especificamente no que diz respeito ao ensino da língua portuguesa e as diversas normas linguísticas. MARIA EMÍLIA DE RODAT DE AGUIAR BARRETO BARROS, baseada na tese de que o ensino de Língua Portuguesa está centrado em uma metodologia voltada para a prescrição, que provoca o insucesso dos estudantes quando avaliados, discute este poder disciplinador que produz igualmente um saber. Por meio de uma análise qualitativa, aplica as teorias de Foucault (1997a, 1997b, 2003) na análise dos discursos de professores de língua, que atuam em escolas de Itabaiana e Aracaju, no estado de Sergipe. TEREZINHA BARROSO discute as *capacidades de linguagem* envolvidas na produção textual em práticas de leitura, escrita e oralidade, e propõe um modelo de didatização para o desenvolvimento dessas capacidades, com foco em gêneros do argumentar. Para tal, adota como suporte teórico a noção de gênero (BAKHTIN, 2003), reinterpretada pelo viés teórico-metodológico de Bronckart (1999) e Dolz e Schneuwly (2004), que situam o gênero textual como objeto de ensino. CHRISTIANNE BENATTI ROCHEBOIS, alicerçada na crença de que o professor e o aprendiz dividem não somente valores comuns, mas principalmente valores de emancipação que atravessam as culturas e as civilizações e, além das diferenças, consolidam as mesmas aspirações, discute o grande desafio para a educação: a utilização dos manuais e a prática real dos professores. LUCIENE BASSOLS BRISOLARA analisa amostras de fala de estudantes do português/espanhol, em fase de aquisição do espanhol, descreve a interlíngua fônica dos estudantes e, ao final, sugere procedimentos metodológicos para corrigir as interferências relativas à pronúncia. A autora conclui que, para alcançar o pleno desenvolvimento da competência fônica na língua meta, é necessário propor atividades regulares que estimulem a correção fonética. JAURANICE RODRIGUES CAVALCANTI; MARINA CÉLIA MENDONÇA; LILIAN BRANQUINHO E ROSANA CARDOSO analisam discursos de professores e de futuros professores sobre as práticas linguísticas de seus alunos. Partem de estudos de Bakhtin

sobre as vozes sociais em confronto e os valores ideológicos na produção de sentido. Verificam, nos discursos analisados, que os professores, ao mesmo tempo em que veem o aluno como o grande vilão da linguagem e da leitura, não aceitam introduzir novas práticas apoiadas em novas tecnologias e linguagens. As autoras vislumbram, nos discursos analisados, os caminhos a serem percorridos em novos cursos para formação de professores. NEIDE CESAR CRUZ apresenta os resultados de sua investigação sobre a apropriação da pronúncia do inglês por professores em formação inicial, obtidos por meio de dois instrumentos: notas reflexivas e discussão em grupo áudio gravada. A autora observa que os resultados sugerem que os alunos-professores descobriram novas formas de pronunciar e valorizam a pronúncia do falante nativo como modelo a ser seguido. ALESSANDRA DUTRA analisa um fenômeno de variação fonética na aquisição do português como língua estrangeira por nativos americanos e espanhóis: a palatalização das oclusivas /t/ e /d/ em palavras como *dica* e *tive*, comparando a variação encontrada no português falado por americanos com a variação encontrada no português falado por nativos espanhóis. A autora comprova que as dificuldades que falantes de outras línguas enfrentam, ao aprender a língua portuguesa, apresentam-se como fenômenos naturais de variação e são condicionados por fatores linguísticos e extralinguísticos. PHELLIPE MARCEL DA SILVA ESTEVES investiga, fundamentado no dispositivo teórico da Análise do Discurso Francesa (Pêcheux e Orlandi), os sentidos instituídos – na relação língua–classe social – no *Dicionário de lingüística e gramática*, publicado por Mattoso Câmara, verificando de que forma os estudos ditos metalinguísticos se inscrevem numa matriz de sentidos que legitima a língua como lugar de reflexo de hierarquia social, ajudando os futuros (e presentes) professores de língua portuguesa a compreender o fenômeno do preconceito linguístico por um viés discursivo. VILMA LEMOS expõe os resultados de sua pesquisa junto a uma classe de universitários de Publicidade e Propaganda e demonstra que uma mudança de atuação docente, por meio do pensar alto em grupo, um instrumento pedagógico e uma metodologia de pesquisa, aliado à técnica do “revozeamento”, valorizam as contribuições dos estudantes durante a discussão de textos em grupo. Para a autora, os resultados benéficos

traduziram-se em um professor orquestrador das vozes dos alunos, relações menos conflituosas e alunos mais autoconfiantes, reflexivos e críticos. BRUNO DE A. RODRIGUES busca fornecer subsídios ao ensino de PL2E, discutindo um modelo de análise dos usos dos verbos ser e estar em predicções simples, articulados a sintagmas preposicionados (SP) em português, língua materna. LUIZ CARLOS BALGA RODRIGUES apresenta um estudo de caso e comprova que é perfeitamente possível que alunos jovens e idosos dividam o mesmo espaço da sala de aula de francês língua estrangeira. O autor admite que, em vez de segregar os mais velhos, criando turmas específicas para sua faixa etária, os cursos deveriam assegurar, ou pelo menos facilitar, esta convivência, garantindo aos idosos mais espaço na sociedade e respeito por suas escolhas e aspirações. ULRIKE AGATHE SCHRÖDER E MILENE MENDES DE OLIVEIRA estabelecem um diálogo com o artigo “A necessária integração da língua e cultura no ensino de língua estrangeira”, de Agra e Burgeile (2010), sugerindo novas reflexões para o ensino da cultura em sala de aula, com a finalidade de problematizar o ensino de questões culturais em aulas de língua estrangeira. Propõem, pois, um caminho para a descoberta de novas visões de mundo que, em interação com o conhecimento de cada um dos aprendizes, os conduza a novas experiências. RITA FERNANDES SIGNOR apresenta parte de sua pesquisa sobre a contribuição da teoria de gêneros do discurso de Bakhtin (2003) para o desenvolvimento de competências em leitura e escrita. Para tanto, elabora uma abordagem terapêutica e a aplica em uma situação de terapia em grupo. Para encerrar esta primeira parte, CIRINEU CECOTE STEIN entende que a sobreposição de quadros fonêmicos de línguas diferentes evidencia fonemas que pertencem a um idioma, mas não a outro e que o mesmo fonema pode ser foneticamente realizado de formas diferentes em idiomas distintos. Com base nessas assertivas, defende que o conhecimento teórico e o instrumental da fonética acústico-articulatória podem contribuir para otimizar o trabalho do professor na orientação à aquisição fonético-fonológica do aprendiz de L2.

Iniciamos a segunda parte, com o artigo de MARIA YOUSSEF ABREU que trata das interferências fonético-fonológicas no português brasileiro falado por imigrantes libaneses em situação de contato na

cidade de Londrina, contemplando-as sob uma perspectiva Contrastiva e Sociolinguística. A autora demonstra que as interferências devem-se à distância entre os dois sistemas fonético-fonológicos, à ausência de aprendizado formal do português, à religião professada e ao status do árabe como língua de cultura. EDUARDO TADEU ROQUE AMARAL faz uma análise de derivados de nomes de líderes políticos da América do Sul, baseada em estudos de Deonomástica, na linha de Monjour (2002), Rainer (1999, 2007, 2009), Santiago y Bustos (1999) e Schweickard (1992). O autor concluiu que a grande quantidade de formas derivadas dos nomes pesquisados é formada por um número reduzido de sufixos: como *ismo* e *-ista*, além de *-ato*, *-esco*, *-iano*, e *-izar*. Nos dados do português, o pesquisador encontrou, também, exemplos com *-ês* e com *-logo*. JOSÉ CEZINALDO ROCHA BESSA trata da citação no texto acadêmico-científico, examinando recortes de textos de pesquisadores iniciantes. O autor demonstra que o citar e o ensino do citar não podem se limitar à compreensão de um conjunto de procedimentos técnicos e/ou formais, por entender que, quando se cita, entram em cena também aspectos de natureza enunciativa, como aqueles relativos ao posicionamento do enunciador frente ao dito por outrem. FERNANDA GOULART RITTI DIAS E MARIA INEZ MATOSO SILVEIRA verificam como os marcadores epistêmicos de atenuação e de ênfase – *hedges and boosters*, no dizer de Hyland (1998) – estão distribuídos e quais são as suas funções em artigos científicos da área de atividade física e saúde. As autoras relatam que os resultados apontaram para o maior uso de marcadores de atenuação nos artigos em inglês bem como para uma frequência maior de marcadores na seção Discussão, em ambas as línguas, sugerindo que é nessa seção que os autores garantem a aceitação e permanência da sua pesquisa na área. CLÁUDIA SALES DE OLIVEIRA analisa os tabus linguísticos, envolvendo o corpo humano – partes do corpo e fluidos corporais-, fundamentando-se na concepção de tabu estabelecida por Guérios (1956), Ullman (1977) e Kröll (1984). A autora verificou que, além de diferentes estratégias de substituição do termo tabuizado (eufemismos e disfemismos), os informantes manifestavam reações várias para livrar-se do desconforto causado pelo tabu, como risos, seriedade, recusa da resposta, reprovação, silêncio.

A terceira parte é destinada a resenhas. A primeira, por Alessandra Manoel Porto, faz uma análise crítica da obra de CORACINI, M. J. R. F. *A celebração do outro* (2007). A segunda, por Valter Pereira Romano, apresenta a obra de CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade* (2010).

Agradecendo a todos que colaboraram para a composição desta revista, entregamos o volume 14.2 da *Signum* para apreciação dos pesquisadores que se ocupam da linguagem.

Vanderci de Andrade Aguilera  
Editora